Dia 10 — São Francisco de Borja, da Companhia de Jesus

Martirológio Romano

São Francisco de Borja, prepósito-geral da Companhia de Jesus, em Roma, memorável pela aspereza de sua vida, pelo dom de oração e por haver renunciado às dignidades do mundo e se haver negado a admitir as da Igreja. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

São Pínito, bispo de Gnossos, na ilha de Creta (Candia), um dos mais dignos prelados que tem tido a Igreja: floresceu no tempo de Marco Antonino Vero e de Lúcio Aurélio Cômodo e deixou em seus escritos, como num espelho, uma viva representação de si mesmo e de sua vida.

São Gereão, mártir, com outros trezentos e dezoito, em Colônia; os quais, na perseguição de Maximiano, em defesa da religião católica ofereceram com resignação seus pescoços à espada. (Parece que São Gereão e São Vítor, que segue, eram oficiais da legião Tebeia e todos seus companheiros indivíduos da mesma, os quais morreram muitos depois do martírio de seu chefe São Maurício.)

Os santos Vítor e seus companheiros, mártires, nas cercanias da mesma cidade. (Da mesma legião que os que precedem.)

Os santos mártires Cássio e Florêncio, com outros muitos, em Bona, na Alemanha. (Da mesma legião que os precedentes.)

Os santos mártires Eulâmpio e Eulâmpia, virgem, sua irmã; a qual, tendo ouvido que atormentavam seu irmão pela fé de Cristo, correndo atravessou por meio do tropel até chegar a abraçá-lo e fazer-se companheira sua na peleja: ambos foram metidos numa caldeira de azeite fervendo; mas como dela saíssem sem receber dano algum, foram degolados para alcançar a coroa de seu martírio, juntamente com outros duzentos que, ao ver aquele milagre, se haviam convertido à fé.

São Paulino, bispo, em York, na Inglaterra, discípulo de São Gregório papa; o qual, tendo sido enviado com outros por este santo Doutor a pregar o Evangelho aos ingleses, converteu à fé de Cristo o rei Edwin e seu povo.

São Cerbônio, bispo e confessor, em Porto Baratto, na Toscana, do qual escreve São Gregório que em vida e em morte obrou grandes milagres.

Outro São Cerbônio, bispo, em Verona.

Outro São Paulino, bispo, em Cápua.

São Francisco de Borja, da Companhia de Jesus

São Francisco de Borja, glória de sua ilustríssima casa, admiração dos príncipes cristãos, modelo dos mais perfeitos religiosos e um dos maiores Santos de seu século, nasceu ao mundo no dia 28 de outubro do ano de 1510, na cidade que comunica seu nome ao ducado de Gandia. Foi filho de D. João de Borja, terceiro duque de Gandia, e de D. Joana de Aragão, neta do rei D. Fernando o Católico. Puseram-lhe o nome de Francisco em cumprimento do voto que a Duquesa sua mãe havia feito a São Francisco de Assis, achando-se muito apurada ao tempo de dá-lo à luz. Desde sua mesma infância começou a verificar o vaticínio de sua futura santidade que havia feito sua virtuosa avó D. Maria Enríquez. Eram o Duque e a Duquesa senhores de tanta religião como piedade, pelo que se dedicaram cuidadosamente a inspirar-lhe as mais virtuosas máximas de uma e outra desde os primeiros assomos da razão, nos inocentes ensaios da infância; e para não omitir diligência alguma conducente a sua melhor educação, escolheram-lhe um aio e um mestre em quem o virtuoso competisse com o hábil. Deu muito pouco que fazer o menino Francisco, em quem era natural a veemente propensão à virtude; e juntando-se a um coração nobre, dócil e generoso um engenho vivo, pronto, brilhante e perspicaz, iam a par os progressos na virtude e o adiantamento nas letras; tanto que todos olhavam com admiração aquela terna piedade que ia crescendo ao passo dos anos, quando se observa com tanta frequência em outros meninos que, conforme se vai desembaraçando a razão, se vão diminuindo as boas inclinações.

Aos dez anos de sua idade perdeu a Duquesa sua mãe e notou-se, não sem admiração, que sua excessiva dor em perda tão sensível não se reduziu precisamente a desafogar-se por muitos dias numa torrente de lágrimas, mas a descarregar sobre seu terno corpinho sangrentas disciplinas, que oferecia por sufrágio, para tornar mais meritórias suas fervorosas orações, sem poder-se averiguar quem havia madrugado tanto a inspirar no inocente menino aquele espírito de mortificação e penitência.

Era tio materno de Francisco D. João de Aragão, arcebispo de Saragoça e, enamorado das grandes prendas que se iam assomando em seu querido sobrinho, quis absolutamente que se criasse

dentro de seu palácio. Deu-lhe mestres muito hábeis que o aperfeiçoaram nas letras humanas; e tendo-lhe deparado por este tempo a divina Providência um sábio, prudente e virtuoso confessor da religião de São Jerônimo, aproveitou-se de tão oportuna como destra e experimentada escola para fazer maravilhosos progressos na ciência da salvação. Viviam na cidade de Baza sua bisavó D. Maria de Luna, suas tias e suas irmãs; e tendo passado a visitá-las, caiu gravemente enfermo naquela cidade. Correu grande perigo sua vida; mas este perigo foi de ordem inferior ao que lhe expôs a resolução que se tomou de enviá-lo à corte. Querendo o Duque seu pai que se acostumasse desde logo ao gênero de vida a que parece o destinava seu mesmo nascimento, logrou que entrasse a servir com emprego correspondente no quarto da infanta D. Catarina, irmã de Carlos V. O mesmo foi Francisco no bulício do palácio que na quietude de sua família. Casou-se a Infanta com D. João III, rei de Portugal, e o menino Borja restituiu-se a Saragoça ao palácio de seu tio para acabar a filosofia, na qual sobressaiu muito o brilhantismo de seu engenho. Assim o Arcebispo seu tio como o Duque seu pai o observavam mais inclinado ao retiro dos claustros que ao estrépito do mundo; e para desviá-lo daquela inclinação, determinaram enviá-lo segunda vez à corte de Carlos V, com esperança de que seu gênio dócil, franco e condescendente pouco a pouco lhe iria inspirando distintas inclinações. Ainda quando na vida de cortesão se houvesse eximido ditosamente do naufrágio sua inocência, foi certo que, ao menos, se entibiou seu fervor. Achava-se Francisco justamente nos dezessete anos de sua idade e a natureza havia andado pródiga com ele em todas as perfeições que fazem um jovem cabal. O talhe desembaraçado, nobre e vantajoso; a tez limpa, delicada e viva; olhos cintilantes, o ar naturalmente despejado, com não sei que graça particular em todos os movimentos; todos os seus modos gratos, cultos, atentos, que respiravam nobreza e generosidade; engenho sutil e fino, com certa discrição pronta e judiciosa, acompanhado tudo de uma modéstia e de uma compostura natural que tornava muito mais amável este nobre conjunto de prendas naturais; mas este mesmo conjunto, de que os homens fazem tanta vaidade, expunha o jovem Francisco a mais evidentes riscos. Conheceu-os o jovem Borja e pertrechou-se contra os vícios da corte com a frequência de Sacramentos e com uma terna devoção à santíssima Virgem. Soube encontrar a arte de irmanar os deveres de cortesão com as obrigações de cristão verdadeiro; dificultosa, mas muito possível mistura, que mereceu ganhar não só a estimação, mas o carinho do Imperador e da imperatriz D. Isabel. Prendada esta de tão nobres partidas como concorriam em Francisco, quis que se casasse com D. Leonor de Castro, dama da mesma Imperatriz, a quem esta princesa amava como a filha, reputada pela primeira formosura do palácio e senhora de uma das primeiras casas de Portugal. Foi esta boda muito aplaudida pelo Imperador, o qual, para dar a Francisco algum sinal de sua particular estimação, fê-lo marquês de Lombay e estribeiro-mor da Imperatriz. Não viu o mundo matrimônio mais igual nem tampouco mais feliz. Abençoou-o Deus com posteridade tão numerosa e tão ilustre que a maior parte da grandeza da Espanha se gloria da descendência ou da aliança de suas casas com a de São Francisco de Borja.

Quanto mais de perto tratava o Imperador o novo marquês de Lombay, maiores fundos descobria em sua virtude e em seu mérito: tanto que em breve tempo as benignidades de favorecido passaram a ser confianças de privado. Estudavam juntos as matemáticas e pelo comum acompanhava o Imperador na diversão da caça. Era Francisco estranhamente afeiçoado à de falcoaria; mas acostumado já a santificar todas as suas ações, mortificava sua curiosidade pontualmente quando o objeto a chamava com maior viveza, privando-se do inocente deleite que havia buscado com tanta fadiga no mesmo ponto em que o falcão ia arrojar-se sobre a presa.

Sendo já confidente e árbitro de todos os segredos do Imperador, acompanhou-o na expedição da África e também o seguiu na que intentou com menos felicidade sobre as costas da Provença, assinalando-se em todas as ocasiões tanto pela prudência no conselho como pelo valor na campanha. Padeceu por este tempo duas graves enfermidades, que começaram a desgostá-lo do mundo segundo os intentos da divina Providência; mas o que mais contribuiu a confirmar-lhe este desgosto foi a morte da Imperatriz, que sucedeu em Toledo no ano de 1539. Mandou-lhe o Imperador que conduzisse o cadáver a Granada e, ao descobri-lo para fazer a entrega, achou-o tão horrorosamente desfigurado que não se reconhecia nele nem um só traço do que havia sido: espetáculo que o deixou fora de si; e comparando o presente horror com a passada formosura, resolveu não malograr seus serviços em obséquio de quem estivesse exposto a igual miséria, mas consagrá-los todos a só Deus. Restituído à pousada, encerrado em seu quarto, prostrado em terra e desfazendo-se em lágrimas, começou a exclamar: «Não, Senhor, não, Senhor, não mais servir a dono algum que se me possa morrer.» Nestes ternos e desenganados afetos apanhou-o a hora de assistir às reais exéquias, e a oração fúnebre que pronunciou nelas o célebre mestre Ávila acabou em seu coração a obra que havia começado o horroroso cadáver; e acudindo oportunamente os auxílios da Graça, fez voto de abraçar a vida religiosa se sobrevivesse à Marquesa.

Nomeou-o o Imperador vice-rei da Catalunha e fê-lo comendador da Ordem de Santiago; mas em todos os empregos foram iguais os exemplos e os efeitos de sua fervorosa conversão. Logo que tomou posse de seu governo, mudou de semblante toda a província.

Purgou-a dos ladrões que infestavam os caminhos; corrigiu os abusos que turbavam o regime dos povos; reprimiu a licença, exterminou o vício e em breve se reconheceu florescer em todo o principado da Catalunha a Religião, a paz, a justiça e a abundância; fazendo o santo Vice-rei tanta honra à elevação do emprego com o esplendor de sua magnificência como à santidade da Religião com os exemplos de sua virtude.

Desde então começou a viver como religioso em seu palácio. Dedicava todas as manhãs quatro ou cinco horas à oração; e sem faltar em nada ao despacho dos negócios públicos, entregava-se todo o tempo que podia a exercícios de caridade. Sua mesa era ostentosa para os convidados, mas muito parca para o Vice-rei. Era seu jejum contínuo e, quando se sentava à mesa, não era a comer, mas a mortificar-se com alguma nova invenção. Correspondia a misericordiosa profusão nas esmolas à rigorosa severidade de suas penitências: todo pobre, todo desvalido sabia muito bem que no Vice-rei tinha protetor e pai. Todos os dias rezava o Rosário, acompanhando a oração vocal com a meditação; e não contente com comungar em público nas festas mais solenes para a edificação, comungava em seu oratório todos os domingos do ano para consolo, para conservação e para aumento de seu fervor. Com motivo desta sólida devoção suscitaram-se várias disputas sobre a frequente comunhão; assunto em que se dividiram os pareceres de todas as universidades da Espanha. Quis o Vice-rei saber o ditame de Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, de cujo novo Instituto lhe havia dado notícia o P. Antônio de Araoz, célebre pregador, informando-o individualmente de suas particularidades, como também da santidade, da prudência e dos talentos de seu ilustre fundador. Escreveu-lhe Borja consultando-lhe o ponto que se controvertia e ficou tão satisfeito de sua resposta que determinou acudir daí em diante àquele oráculo em todas as dúvidas que dessem lugar a esperar sua decisão.

Já por aquele tempo eram largo assunto à conversação e à admiração de todos os príncipes da Europa a prudência e a santidade do vice-rei da Catalunha, crescendo ao passo de sua fama a estimação e o amor que lhe professava Carlos V. Deu-lhe as maiores provas de um e outro nas Cortes de Monzón, onde nas familiares e frequentes conversações que teve com ele lhe descobriu seu coração, manifestando o Imperador a Francisco a grande impressão que lhe faziam seus exemplos. Morto o Duque seu pai e entrando o Vice-rei a ser quarto duque de Gandia, longe de encher-lhe o coração a nova grandeza, renovou com seu desengano mais vivas e mais acesas ânsias do retiro. Custou-lhe a licença muitas representações, grandes instâncias e repetidas súplicas. Rendeu-se enfim o Imperador, e Francisco retirou-se à capital de seus Estados. Mal pôs os pés em Gandia quando reedificou o hospital e deu princípio à fundação de um colégio da Companhia, ao mesmo tempo que estava fundando um convento aos Padres Dominicanos em seu marquesado de Lombay. Entrou em parte em todas estas boas obras do Duque a virtuosa Duquesa sua mulher; mas quando Francisco se prometia mais dilatados auxílios de sua amável companhia, deixou-o viúvo aos trinta e seis anos de sua idade e em prendas de seu amor dois filhos e três filhas, que todos se enlaçaram com as primeiras casas da Espanha, à exceção da última filha, a qual se consagrou a Deus no convento de Santa Clara de Gandia.

A morte da Duquesa deixou a Francisco com inteira liberdade para cumprir seu antigo voto. Durou-lhe pouco a indecisão sobre a eleição do Instituto. Atraía-o muito o da Companhia pela circunstância particular de fechar-se nele a porta às dignidades eclesiásticas; e tendo feito os exercícios espirituais, sendo seu diretor o P. Fabro, um dos primeiros professos da Companhia, reconheceu tão visível a vontade do Senhor que converteu o voto geral de religião no particular de entrar na Companhia de Jesus. Deu prontamente conta de tudo a Santo Inácio, que recebeu esta notícia com o maior consolo e, aprovando sua resolução, enviou-lhe uma instrução do que devia fazer para pôr em execução seus fervorosos desejos. Aconselhou-lhe que estudasse teologia e recebesse o grau de doutor em sua universidade de Gandia. Mas como todavia restavam muitos negócios que arrumar em sua família e cresciam cada dia em seu coração as ânsias de cumprir o voto que havia feito, obteve licença do Papa para fazer os votos religiosos e ficar outros quatro anos mais no século. Logo que recebeu o breve pontifício fez a profissão em seu colégio de Gandia; e deixando o palácio em que vivia a seu filho primogênito, retirou-se a outra casa para vagar mais livremente a seus estudos e aos exercícios de sua nova profissão. A primeira ordem que recebeu de seu superior Inácio foi que moderasse seus rigores e suas excessivas penitências.

Não houve jamais religioso mais regulado. Levantava-se regularmente às duas da manhã; empregava seis horas na meditação e em orações vocais; às oito confessava-se, ouvia missa e comungava ao fim dela todos os dias. Até a hora de comer estudava teologia e pouco antes de sentar-se à mesa dava audiência por breves instantes a seus vassalos e aos ministros de justiça. Comia, gastava depois uma hora em conversação familiar com seus filhos e com seus criados; voltava a outro grande trecho de estudo e, concluído este, dava porta franca a quantos tinham que falar-lhe. A maior parte da noite a passava diante do santíssimo Sacramento e a aproveitava também em macerar seu corpo com sangrentas disciplinas. Sua cama daí em diante foi sempre um pobre tapete estendido sobre uns sarmentos; e toda a sua vida um contínuo exercício da mais rigorosa penitência.

Concluídos felizmente todos os negócios que o haviam obrigado a representar no exterior o papel de duque e de grande da Espanha, recebeu o grau de doutor, depois de haver adquirido a ciência e a suficiência para merecê-lo. Fez depois seu testamento em virtude da faculdade que o Papa lhe concedeu num breve particular; e tendo sido ele mesmo testamenteiro e executor, partiu em direitura a Roma, cuja viagem não interrompeu seus diários devotos exercícios. Recebeu-o o papa Júlio III com desacostumadas honras e, hospedado no colégio da Companhia, recebeu e pagou as visitas de toda a corte romana. Entregou-se inteiramente à direção de Santo Inácio e escreveu ao Imperador dando-lhe parte de seus intentos e pedindo-lhe seu imperial consentimento para renunciar solenemente seus estados, títulos e empregos. Logo que se estendeu por Roma esta notícia, assim o Papa como todo o Sacro colégio pensaram em honrar com a sagrada púrpura aquele grande exemplo de virtude; o que entendido por Francisco, todo sobressaltado, saiu de Roma repentinamente para voltar à Espanha. Escondeu-se, por dizê-lo assim, entre as penhas da reduzida província de Guipúscoa e visitou por devoção a casa de Loyola, onde havia nascido Santo Inácio. Achava-se em Oñate quando lhe chegou a resposta do Imperador, que recebeu com inexplicável gozo; e logo que leu a carta, prostrado em terra rendeu humildes graças ao Senhor, porque já enfim havia chegado a ditosa hora de ver perfeitamente cumpridas suas fervorosas ânsias; renunciou com solenidade tudo quanto possuía em favor de seu filho primogênito, cortou o cabelo e vestiu a sotaina da Companhia. No primeiro dia de agosto daquele mesmo ano ordenou-se sacerdote e foi celebrar sua primeira missa na capela da casa de Loyola para satisfazer sua devoção particular; mas viu-se obrigado a celebrar a segunda em campo descoberto para satisfazer a do público. Foi tão imenso o concurso dos que quiseram receber de sua mão a sagrada Comunhão que não pôde acabar a missa até as duas ou as três da tarde. Pregou depois a toda aquela multidão com tanta moção e com tanto fruto que o obrigaram muitas vezes a interromper o sermão as lágrimas dos ouvintes, seguidas (e este foi seu maior consolo) de grandes e ruidosas conversões.

Entretanto, solicitado o Papa pelas instâncias do Imperador, não menos que por sua própria inclinação, pensava fazer cardeal a nosso Santo. Tudo estava já resolvido e prevenido quando Santo Inácio soube representar com tanta viveza a Sua Santidade assim suas razões como as do P. Francisco que desistiu de seu intento, dizendo que as orações e os rogos dos Santos sempre eram eficazes. Deu-lhe ordem seu geral para que saísse do retiro de Guipúscoa e passasse à corte, onde o Imperador e todos os grandes da Espanha ansiosamente desejavam vê-lo; obedeceu, ainda que lhe custou muito sacrifício, o qual premiou Deus com os copiosos frutos que fizeram seus sermões, seus exemplos, sua modéstia e suas conversações particulares em Burgos, em Valladolid, onde à sazão se achava a corte, em toda a Castela a Velha, em Portugal e em toda a Andaluzia. Experimentando Santo Inácio as bênçãos que lançava o céu sobre tudo aquilo em que o P. Francisco punha a mão, fê-lo comissário-geral da Espanha, de Portugal e das Índias Orientais; mas ao mesmo tempo que o nomeava superior de todos, sujeitou-o à obediência de outro Padre no tocante à direção e governo de suas penitências, que cada dia eram mais excessivas. Abençoou Deus seus trabalhos e seu zelo. Não só introduziu e fundou a Companhia nas doze cidades mais principais da Espanha, mas renovou o primitivo fervor em não poucos mosteiros, reformou os costumes nas províncias e na corte, ressuscitou a devoção à santíssima Virgem, introduziu em todas as partes a frequência de Sacramentos e só com deixar-se ver movia e enternecia a todos até derramar muitas lágrimas.

Morreu Inácio e Francisco sentiu sua morte; mas sentiu-a como Santo. O medo de que, se voltava a Roma, se avivasse mais no Papa o pensamento de fazê-lo cardeal, que nunca havia deposto de todo, fez-lhe achar mil razões para escusar-se de assistir à eleição de novo geral. O P. Laínez, que sucedeu a Santo Inácio, queria ter Borja perto de si; mas como aconteceu por este tempo o retiro do Imperador ao mosteiro de Yuste, viu-se precisado a deixá-lo ainda na Espanha. Desejava Carlos V ver o P. Francisco; e não ignorando este as malignas impressões de que haviam imbuído na Alemanha o ânimo daquele Príncipe contra sua sagrada Religião os inimigos da Igreja e da Companhia, passou ao ponto a visitá-lo. Recebeu-o o Imperador com as maiores demonstrações de amor e de estimação; teve com ele diferentes conversações sobre as regras, o espírito e o fundo de seu Instituto; ficando tão desenganado que não só formou um alto conceito do mérito de Francisco, mas também o mais superior apreço da excelência e da santidade de sua nova Religião. Honrou-o mais que nunca com sua imperial benevolência e encarregou-lhe várias comissões para as cortes da Espanha e de Portugal, que desempenhou Francisco felizmente, acompanhando sempre todas as suas empresas o zelo da salvação das almas.

Havia nascido a Companhia de Jesus no monte dos Mártires; queria Deus que se criasse em meio das perseguições, à imitação do divino Salvador, com cujo nome se honrava, e permitiu que por então fosse perseguida furiosamente na Espanha. Conjurou Borja ditosamente todas aquelas tempestades e em breve tempo se descobriu o céu sereno. Morreu o Imperador Carlos V; pronunciou Francisco sua oração fúnebre em presença de toda a corte, e todos convieram em que aquele grande Imperador havia sido ditoso, merecendo os elogios de um homem tão santo e de um juiz tão íntegro, justo apreciador do mérito verdadeiro.

Padeceu o Santo por este tempo uma grave enfermidade; convaleceu dela e, tendo feito a visita de todos os colégios da Companhia que havia em Portugal, tendo pregado a Quaresma na catedral de Évora e tendo visitado o célebre D. Frei Bartolomeu dos Mártires, que acabava de fundar um colégio de Jesuítas em sua cidade arquiepiscopal de Braga; estando na cidade do Porto teve notícia (sem que lhe causasse a menor imutação) de que a Inquisição da Espanha havia condenado um livro espiritual que corria com seu nome. Sendo duque de Gandia havia composto para seu uso particular dois tratadinhos espirituais sobre a humildade (que toda a vida foi sua querida virtude), intitulados, o um: *Espelho do homem cristão*; e o outro, *Colírio espiritual*. Ambos haviam-se impresso sem notícia sua em diversas cidades do reino; mas vendo os livreiros que era curto o ganho pelo reduzido do volume, resolveram avolumá-lo, acrescentando aos dois tratadinhos do P. Francisco outros onze de diferentes autores sobre matérias espirituais; e para assegurar o despacho a todos, intitularam-nos *Obras do Duque de Gandia*. Com este título saíram no edito da Inquisição ou no expurgatório, sem fazer-se distinção das que eram obras do Santo e das que não o eram. Não havia coisa mais fácil para Francisco que justificar-se; mas não lho permitiu seu amor à humilhação, querendo antes padecer aquele rubor, entregando-se ao silêncio, que perder o mérito da humildade voltando por sua causa.

Os PP. Laínez e Salmerón tinham que passar ao concílio de Trento como teólogos do Papa, pelo que recebeu Borja uma ordem de seu geral para que se transferisse a Roma a exercer o ofício de vigário seu durante o tempo de sua ausência. Desempenhou este emprego com tão universal aplauso que, morto o P. Laínez no ano de 1565, foi eleito geral, sem que fizessem força suas razões nem seus rogos. Aplaudiu o mundo esta eleição, que custou a Francisco muitas lágrimas, e

necessitou largo tempo para enxugá-las. Muito desde logo experimentou a Companhia as bênçãos que lançou o céu sobre seu feliz governo. Propagou-se aquela com assombrosa multidão de casas por um e outro mundo, crescendo ainda mais que as mesmas fundações o fervor na virtude e a aplicação ao estudo das letras. Reconheceu-se cada dia mais ardente o zelo dos operários evangélicos sob a direção de tal chefe; e às ordens de um geral santo brilhava em todas as partes a santidade daquela terna e recém-nascida Companhia. Deu novo vigor a suas constituições; enriqueceu seu Instituto com prudentíssimos regulamentos e pôs, por dizê-lo assim, a última mão tanto à disciplina regular como ao regime mais acertado da escola. O papa São Pio V fez muitas vantagens a seus predecessores na grande estimação que professou a nosso Santo e nos favores com que honrou sua Religião. Apreciava muito seus conselhos e consultava Borja em quase todas as necessidades da Igreja. Não houve província na cristandade aonde sua caridade não se estendesse; não houve país inficionado do erro que não experimentasse os efeitos de seu zelo.

O único privilégio que julgou que lhe concedia aquela suprema prefeitura era não reconhecer já superior dentro da Religião que pudesse pôr limites aos rigores de suas penitências. Mortificava seu corpo com todos os modos que podia inventar uma engenhosa crueldade. Confessava que seria para ele intolerável a vida se passasse um só dia sem solicitar que experimentasse sua carne alguma extraordinária dor. Não contava os jejuns no número das penitências; as disciplinas eram de oitocentos golpes; repetia-as muitas vezes ao dia, de maneira que suas costas eram uma só chaga. Mas bem se pode dizer que sua principal virtude foi a humildade. Nenhum homem se desprezou mais a si mesmo; nenhum desejou com maiores veras ser desprezado dos demais. Assinava-se pelo comum Francisco Pecador. Das mesmas dignidades a que o elevavam sabia aproveitar-se destramente para humilhar-se mais e confessou com ingenuidade a um confidente seu que para ele não havia gosto nem alegria mais sensível que quando o maltratavam. Assim, pois, não há já de que admirar-se se Deus inundava aquele coração com torrentes de espirituais delícias, lampejos antecipados dos gozos da glória. Era sua oração um êxtase continuado e suas dulcíssimas lágrimas no santo sacrifício da missa efeito do ardor daquele coração abrasado no amor de seu Deus. Bastava pronunciar em sua presença os santos nomes de Jesus e de Maria para observar seus olhos arrasados em ternas lágrimas e todo inflamado seu semblante. Por sua extraordinária devoção à santíssima Virgem pôs-se a caminho para Loreto no mais forte de uma violenta enfermidade: logo que partiu começou esta a ceder e quando chegou ao termo de sua peregrinação achou-se inteiramente são. São Pio V, para assegurar a liga que queria fazer com Filipe II e a república de Veneza contra o Turco, enviou por legado o cardeal Alexandrino e quis que nosso Santo o acompanhasse e ajudasse a tratar com os reis da Espanha, França e Portugal os negócios de que ia encarregado. Em Valência nosso Santo foi recebido com grande júbilo por seu filho, o duque de Gandia. Obrigado por D. João de Ribera, arcebispo daquela igreja, pregou na catedral com admiração e grande fruto do auditório. Ninguém pôde acabar com ele que passasse a Gandia. Na corte foi muito bem recebido. O Rei tratou com ele alguns negócios de muito serviço de Nosso Senhor. Passaram a Portugal e logo voltaram pela Espanha à França.

Restituídos à Itália, tendo dito missa no caminho no dia da Purificação de Nossa Senhora, assaltou-o um recio acidente. Com este trabalho chegou a Ferrara a tempo que estava junto o conclave dos Cardeais, onde seriamente se pensou em fazê-lo Papa; mas com a notícia de sua enfermidade e com a memória da tenacidade com que por sete vezes se resistiu a admitir o chapéu, deixou-se aquele pensamento. Prosseguiu em seu rigor a enfermidade e tomou o caminho de Roma por

Loreto, onde satisfez sua ardente devoção à santíssima Virgem. Chegou a Roma muito prostrado e não quis admitir mais visitas que as de seus irmãos. Enviou um deles ao Papa pedindo-lhe sua bênção e uma indulgência plenária de seus pecados. Recebeu os Sacramentos com extraordinário fervor; pediu perdão aos Padres dos maus exemplos que lhe parecia haver-lhes dado; recolheu-se em oração; elevou-se seu espírito a Deus por um êxtase maravilhoso; voltou dele e, cheio daquela confiança que acompanha os Santos até o último suspiro, entregou tranquilamente a alma a seu Criador no dia primeiro de outubro do ano 1572, ao ir a cumprir os sessenta e dois de sua idade.

Logo que expirou, todos os Padres da casa professa, testemunhas da santidade de suas obras e dos milagres de sua vida, ajoelharam-se para implorar sua intercessão. Achava-se presente D. Tomás de Borja, irmão do Santo e desejoso, com devota curiosidade, de ver por si mesmo a pele vazia correspondente ao estômago, que lhe dobrava toda a cintura, efeito portentoso de seus jejuns e de suas penitências, todas as vezes que para este fim aplicou a mão debaixo da sola, sentiu-a inflamada, entorpecida e sem movimento. Assim depõe esta maravilha o mesmo senhor na relação das virtudes e milagres de seu santo Irmão, que compôs sendo arcebispo de Saragoça; e compulsada nos processos verbais de sua beatificação e canonização, achou-se em tudo conforme com as deposições de todas as demais testemunhas.

O prodigioso concurso do povo que acudiu a seu enterro foi como a voz de Deus que publicava a glória de seu fiel servo. Não houve cardeal nem prelado que não quisesse beijar-lhe os pés. Colocou-se por então o precioso depósito de seu corpo na igreja antiga da casa professa, onde foi venerado pela devoção particular dos fiéis até o ano de 1617. No dia 23 de fevereiro do mesmo ano passaram-no à sacristia da mesma casa; alguns dias depois o transferiram à igreja do Gesù e desta o cardeal duque de Lerma, primeiro-ministro de Estado de Filipe III e neto de nosso Santo, logrou com sua autoridade e valimento trasladá-lo à corte de Madri, onde foi colocado na suntuosa igreja da casa professa da Companhia que o mesmo Cardeal havia edificado a suas expensas, celebrando-se esta trasladação com grande solenidade. Logo que o Santo foi beatificado pelo papa Urbano VIII em 24 de novembro de 1624, a vila de Madri o escolheu por seu protetor, juntamente com Santo Isidro lavrador, seu principal patrono: disposição admirável da divina Providência para que os grandes do mundo tivessem à vista dois exemplos que por caminhos diferentes lhes ensinassem a usar cristamente da grandeza da terra: o de Isidro desprezando-a, tendo diante dos olhos um pobre lavrador elevado a tanta glória; o de Borja aproveitando-se dela, com um grande da Espanha à vista, venerado nos altares. Acelerou muito sua canonização o crescido número de milagres que obrou Deus por intercessão de nosso Santo; e terminada felizmente pelo papa Clemente X no ano de 1671, foi solenizada com grandes festas nos povos da Espanha. Sua festa celebrou-se ao princípio no dia 3 de outubro; mas a trasladou e a fixou ao dia 10 o papa Inocêncio XII.

São Luís Beltrão, Confessor

Na nobilíssima cidade de Valência, a primeiro de janeiro de 1526, nasceu São Luís Beltrão para honra de sua pátria, proveito universal da Igreja e lustre da religião do glorioso patriarca São Domingos. Foram seus pais João Luís Beltrão, notário, e Joana Ângela Exarch, pessoas de mais

piedade em seus costumes que fortuna nos bens deste mundo. Criaram o menino com todo aquele cuidado que lhes sugeria o amor paternal e muito mais com o esmero que lhes ditava a piedade cristã. As felizes disposições que manifestava desde os primeiros momentos de sua vida para a virtude não permitiam que fossem infrutíferas as diligências de seus pais. Assim se via que, ajudadas mutuamente a natureza e a educação, faziam uns progressos iguais às esperanças. As coisas sagradas tinham para o santo menino tal atrativo e encanto que elas dissipavam seus desgostos, acalmavam seus prantos e lhe banhavam o rosto de alegria. Com levá-lo à igreja ou apresentá-lo diante das santas imagens de Jesus e de Maria tinha-se-o perfeitamente entretido. Com tão felizes anúncios foi crescendo e com ele a virtude e a piedade, até que começou a raiar nele o uso da razão. Então começou a ver-se em todo o seu esplendor aquela alma ditosa a quem Deus havia prevenido com as bênçãos de sua copiosa graça.

Mal tinha oito anos quando, antecipada uma terna devoção à Rainha dos Anjos, rezava-lhe diariamente seu ofício. A esta oração vocal acompanhava a contemplação fervorosa dos divinos mistérios, para o que se retirava com frequência aos lugares mais secretos de sua casa, onde alimentava sua alma com celestiais doçuras. Desde aquela idade começou a afligir seu corpo com vários gêneros de mortificações, umas vezes jejuando a pão e água e outras privando-se do sono para empregar-se na oração. O pouco que dormia era sobre uma arca ou no duro chão e, para que a vaidade não achasse porta por onde entrar em sua alma, cuidava todas as manhãs de desarrumar a roupa do leito, prevenindo com este santo artifício a repreensão que pudessem dar-lhe seus pais. Palavras descompostas, enredos e jogos de meninos, tão frequentes naquela idade, jamais se viram em nosso Santo. Em seu lugar assistia aos templos, ajudava os sacerdotes no santo sacrifício da missa, manifestando em tudo um juízo e cordura de ancião. Era humildíssimo e obediente a seus pais; e se talvez via sua mãe enojada por algum incidente da casa, tomava um livro e, lendo-lhe alguma coisa oportuna, desarmava sua ira e voltava a tranquilidade a seu coração. Com este tenor de vida chegou aos quinze anos, redobrando de cada vez os fervores de sua devoção, tanto que seu confessor julgou que tinha o espírito necessário para comungar diariamente. Bem conhecia o santo jovem que este era um privilégio que podia chamar para si as atenções curiosas do mundo; mas ele prevenia destramente suas censuras, variando sempre as igrejas para que seu fervor não fosse conhecido. Por esta causa persuadiu-se de que a casa de seus pais não era o lugar mais oportuno para empregar-se nos exercícios de virtude que tanto apetecia e assim pensou pôr em execução o conselho evangélico que diz: que se esqueça seu povo e a casa de seus pais para seguir o Senhor. Mudou, pois, o vestido e, deixando uma carta escrita a seu pai em que lhe declarava seus desígnios, saiu de Valência com ânimo de buscar algum deserto onde consagrar-se a Deus por toda a sua vida. Sete léguas haveria andado quando o encontraram os emissários que enviou seu pai para buscá-lo. Acharam-no estes em traje tão devoto e soube satisfazer a seu pai com razões tão piedosas que, longe de enojar-se contra o santo mancebo, proporcionou-lhe vestidos clericais e permitiu-lhe a contínua assistência aos hospitais públicos, onde consolava e servia aos enfermos. Seu espírito fervoroso achava-se como fora de seu elemento naquele estado; desejava com ânsia outro de maior perfeição; e assim foi ao prior de São Domingos, que à sazão era o mestre Frei Jaime Ferran, o qual não duvidou condescender com seus desejos. Mas seu pai, considerando sua débil saúde, foi ao Prior no mesmo dia em que havia de tomar o hábito e, representando-lhe que seu filho padecia tais enfermidades que seria gravoso à religião, desvaneceu todo o projeto e burlou as esperanças que Luís havia concebido. Ficou o Santo tristíssimo e acudia a Deus e a sua santa Mãe com orações e sentidas lágrimas, pedindo-lhes o

cumprimento de seus votos. Contra o poder de Deus e sábias disposições de sua providência jamais podem prevalecer nem as forças nem a indústria humana. O Senhor tinha eleito Luís para um dos maiores obreiros evangélicos que havia de produzir a esclarecida Religião de São Domingos; e assim, por esquisitas diligências que fez seu pai para impedir que desse seu nome a esta sagrada milícia, todas se viram frustradas. A 26 de agosto de 1544 tomou o hábito de São Domingos com tanto gosto do santo jovem quanto pesar de seu pai, cujas miras carnais o faziam desaprovar uma resolução tão santa, que tinha todos os sinais de haver sido inspirada de Deus. Logo que São Luís se viu contado entre os filhos de Domingos, propôs-se por exemplar de sua vida a de seu santo Patriarca e a de São Vicente Ferrer.

Este propósito verificou-se tão exatamente em todas as suas ações que, ainda sendo noviço, costumava dizer seu mestre, o santo Frei João Micó, que Luís havia de ser em Valência outro São Vicente Ferrer; dito que, atendendo a sua virtude e à portentosa vida de Beltrão, pôde ter todas as qualidades de profecia. Os penosos exercícios tão frequentes no noviciado, a contínua assistência ao coro, as ocupações humildes e as rigorosas penitências eram o centro em que descansava Luís. Seu fervor e sua virtude, longe de achar pena onde a encontram os tíbios, achava descanso e o meio de cobrar novos alentos. Privava-se voluntariamente da maior parte de sua comida para dá-la aos pobres; e com este artifício piedoso lograva a um mesmo tempo exercitar consigo a abstinência e com o próximo a misericórdia. Chegou o tempo da profissão e, conhecendo os Padres que naquele santo mancebo adquiria a Religião um rico tesouro, deram-lha com gosto. Assegurado Luís de que já tinha um estabelecimento em que podia dedicar-se a Deus sem reserva alguma, começou a entregar-se à virtude e com especialidade à mortificação; de maneira que caiu numa grave enfermidade. Mas a convalescença que foi Deus servido conceder-lhe empregou-a de novo em mais rigorosos exercícios. A humildade, a obediência, a castidade e a pobreza eram suas virtudes favoritas; mas tinha-as cimentadas sobre a base da caridade, sem a qual sabia que não há virtude que seja agradável a Deus. Na oração era contínuo e era tal a alteza com que considerava os divinos mistérios que muitas vezes saía fora de si e ficava arrobado. Nestes arroubos sua alma sentia tal complacência que, sem embargo de havê-lo destinado seus superiores aos estudos, pensou muitas vezes abandoná-los para dedicar-se com maior liberdade à oração. Mas como todas as coisas as obrava com o conselho de um diretor sábio e virtuoso, este lhe fez ver que aquilo era uma verdadeira tentação com que o demônio pretendia impedir os progressos que em benefício de seus próximos poderia fazer no sucessivo. Persuadido desta verdade, dedicou-se com o maior afinco ao estudo das ciências sagradas e nelas fez tais progressos que com justiça se lhe podia contar por um dos verdadeiros sábios. Principalmente dedicou sua atenção às obras do grande doutor Santo Tomás de Aquino, bem satisfeito de que nelas encontraria um compêndio luminoso da mais pura e sã doutrina que ensinaram todos os Padres da Igreja. Com efeito, com semelhante estudo saiu Frei Luís um teólogo dogmático, capaz de ensinar ao povo os mais difíceis mistérios da Religião; um teólogo expositivo, que penetrava a medula das Escrituras sagradas e alimentava com ela os fiéis; e um teólogo moral, que conhecia perfeitamente a retidão ou deformidade das ações para persuadi-las ou repreendê-las.

Entretanto chegou o tempo em que devia ascender à sublime dignidade do sacerdócio. A delicadeza de sua consciência fazia-lhe olhar este ministério tão augusto com temor e tremor; mas a obediência por uma parte e o amor a seus próximos por outra, dois eixos sobre que se movia sua alma, fizeram-lhe desprezar os temores. Ordenou-se sacerdote e imediatamente concebeu que, à

proporção da grandeza da dignidade que havia recebido, deviam ser também os novos progressos que daí em diante fizesse na virtude. Esta consideração o empenhou em maiores asperezas de vida, em novos exercícios de humildade e numa contemplação tão contínua que mal havia momento em que não estivesse pensando em seu Deus. Contente vivia Frei Luís sob o jugo da obediência; mas Deus, que o tinha preparado para que como tocha despedisse de si o resplendor das virtudes, dispôs pô-lo no candelabro da prelazia. Antes disto foi eleito por mestre de noviços, ofício delicado que exige grande virtude e grande prudência para não malograr em seu princípio as grandes almas que Deus leva às religiões. Seis vezes foi reeleito Frei Luís neste emprego, prova muito evidente das grandes vantagens que advertiam os superiores na educação que dava aos noviços. Inspirava-lhes uma humildade profunda, o desprendimento das coisas do mundo, a caridade fraternal, a obediência aos prelados, a mortificação dos sentidos e todo o cúmulo de virtudes que constituem um verdadeiro religioso. Mas suas instruções iam precedidas de seu exemplo; tanto que, compadecido um noviço de vê-lo verter sangue em grande cópia quando tomava alguma disciplina, ameaçou-lhe que o diria ao prior. Frei Luís, temendo mais o motivo de vaidade que daqui poderia resultar-lhe que a repreensão do prelado, suplicou ao noviço que calasse, dizendo-lhe: «Calai, filho, por amor de Deus, que eu me emendarei.» E daí em diante juntou sua mortificação com uma prudente cautela. Rodeava ao corpo um lençol que empapasse o sangue que vertia nas disciplinas e deste modo impedia que, salpicando nas paredes, excitasse a compaixão dos noviços. Neste exercício teve o pensamento de dedicar-se à carreira de lente. Obteve patente do geral para passar ao convento de Santo Estêvão de Salamanca; mas tendo-lhe assegurado o mestre Micó e outro Padre muito espiritual que Deus não o chamava por aquele caminho, voltou a Valência, fazendo a Deus nisto mesmo um agradável sacrifício, não somente de suas comodidades, mas também de sua sabedoria e de suas luzes.

Não ficaram escondidas estas sob o meio alqueire; antes bem o ensaio que delas havia feito no magistério de noviços deu uma prova incontestável de que eram proporcionadas para maiores empresas. Portanto, foi nomeado por superior do convento de Albaida, em cuja prelazia brilharam com novo resplendor quantas virtudes até então havia adquirido. Como seu coração estava abrasado no amor de seus próximos, apetecia vivamente a salvação destes e a procurava por todos os meios possíveis. Um deles era a pregação que exercia ele e fazia exercitar a seus religiosos com conhecido proveito de quantos os ouviam. Seu estudo para pregar, mais que nos livros, fazia-o em Jesus Cristo crucificado, cuja paixão sangrenta considerava com toda a veemência de sua alma. A este propósito costumava dizer que não pode ser verdadeiro pregador, nem verdadeiro religioso, o que não tem em sua cela um Crucifixo. Assim saíam as palavras de seu peito acesas daquele fogo que o devorava e produziam tão admiráveis conversões. Igual fruto tirava administrando o sacramento da Penitência; e era tal a compunção e lágrimas que inspirava aos penitentes que por este meio fez abandonar a muitos sua vida licenciosa e empreender outra cristã e regulada. Favorecia estas operações o dom de penetrar os segredos interiores com que Deus o havia favorecido. Entre os muitos casos que o acreditam, refere-se que, vindo um dia o Santo de pregar, encontrou um pastor no caminho: travou conversação com ele e a poucas razões descobriu-lhe todos os segredos de sua vida distraída e quantos anos havia que não se confessava. Exortou-o ao arrependimento, certificando-lhe que dentro de pouco o chamaria Deus a juízo. Surpreendeu-se o pastor e, confuso e envergonhado de ver tão claramente descobertos seus delitos, deu palavra ao Santo de confessar-se: e tendo-o feito com grande compunção e lágrimas, levou-o Deus para si dali a muito poucos dias. Acabado seu priorado, voltou a Valência a exercer o

cargo de mestre de noviços, para o qual o havia dotado Deus de luzes muito superiores. Mas este emprego não o impedia de exercitar-se na pregação e na administração do sacramento da Penitência. Saía frequentemente a pregar pelos lugares circunvizinhos e alguma vez a comprazer a devoção da condessa D. Maria de Mendoza, que residia em Concentaina. Esta Senhora, que tinha uma virtude sólida em meio de sua grandeza, achava muito gosto espiritual em ter em sua casa o santo Frei Luís, cujas conversações e discursos a afiançavam na virtude e transformavam sua casa num convento. Cuidava a Senhora de que se lhe pusesse um aposento bem provido de tudo; mas o Santo, que amava mais a mortificação que todas as delícias do mundo, jamais dormia no leito e, segundo testificavam os familiares da Condessa, jamais foram despertá-lo que não o vissem de joelhos, abismado na contemplação de Deus.

Tanto fogo de caridade não achava na Espanha matéria suficiente em que empregar-se. Desejava Frei Luís ter ocasiões de padecer grandes trabalhos por amor daquele que tantos havia padecido pela redenção do mundo. Havia desejado desde menino dar sua vida por ele e nunca desistia do pensamento de expô-la às maiores fadigas pela salvação de seus próximos. Agitado destes pensamentos, ouviu falar da necessidade que nas Índias havia de ministros evangélicos e da inumerável gente que por esta falta vivia sem o conhecimento de Deus, tributando adorações ao demônio e perdendo-se para sempre. A caridade moveu seu coração com os afetos de compaixão e de ternura para com aquelas gentes desventuradas e resolveu-se a dar-lhes por sua parte todo o auxílio que lhe fosse possível. Solicitou de seu geral licença para passar lá e, pelo alto conceito que sua virtude merecia, obteve-a sem dificuldade alguma. Seus amigos e parentes representaram-lhe uma multidão de dificuldades capazes de desanimar o espírito mais alentado. Os religiosos propunham-lhe o largo e penoso do caminho, a aspereza das terras onde havia de pregar, a variedade das línguas, a barbárie das gentes e o implacável ódio que professavam aos ministros da religião cristã. Seus parentes, banhados em lágrimas, opunham-lhe todas as razões que dita a natureza, lembravam-lhe os atrativos do sangue; e, finalmente, valiam-se de seus mesmos achaques e enfermidades para persuadi-lo de que com tão débeis forças era impossível concluir uma empresa tão arriscada. O prior de Valência e seus irmãos chegaram até o extremo de negar-lhe todo auxílio para o caminho, querendo estreitá-lo por este meio a desistir de seu projeto. Mas nosso Santo, longe de achar em todas estas razões motivos para desistir, as encontrava muito poderosas para confirmar-se em seus desejos e persuadir-se de que Deus mesmo lhos havia inspirado. Os trabalhos que lhe propunham afagavam o apetite de padecer por Deus. A nova que lhe haviam dado de que os bárbaros idólatras tiravam a vida em ódio da religião cristã vivificou nele a doce esperança de poder conseguir o martírio; e, finalmente, o negar-lhe todo auxílio humano para a comodidade de sua viagem reputou-o por um meio favorável de observar a santa pobreza que havia professado. Assim resoluto e alegre fez uma terna prática a seus noviços, pediu perdão aos religiosos do mau exemplo que lhes havia dado; e despedindo-se deles, pôs-se a caminho a pé e com umas alforjinhas ao ombro, onde levava alguns livros. Sua fortaleza, não menos que sua caridade, deixou admirados a todos; e vendo seus irmãos que não havia meio de detê-lo, saíram-lhe ao encontro em Xàtiva e proveram-no de dinheiro com que fizesse mais comodamente sua viagem. Como sua saúde era bastante enferma, admitiu o necessário para comprar um jumentinho, em que chegou a Sevilha. Embarcou-se nesta cidade e, ainda que na viagem se ofereceram algumas tormentas, calmou-as Deus por suas orações e chegou felizmente a Cartagena das Índias.

Seu espírito fervoroso não podia avir-se bem com o ócio nem permanecer um instante sem empregar-se no destino que lhe havia feito atravessar tantos mares. Imediatamente solicitou dos superiores que lhe assinalassem povos onde começar a espargir a semente do Evangelho. Logo que logrou este destino, começou a pregar e a catequizar com tal atividade que foram muitos os milhares de índios que por sua persuasão se converteram à fé, solicitando com ânsia o sacramento do Batismo. Nenhuma dificuldade podia acobardar seu espírito, nenhum perigo era bastante a detê-lo em sua carreira, nem puderam quebrantar sua constância os muitos ardis de que se valeu o demônio para impedir os copiosos frutos de sua pregação. Caminhava por montanhas e despenhadeiros, atravessava rios e lugares pantanosos, sofrendo com gosto fome, sede, cansaço e todas as inclemências das estações por ganhar almas a Jesus Cristo. Em duas diferentes vezes os sacerdotes dos ídolos lhe deram a beber veneno, intentando deste modo tirar a vida ao inimigo de suas superstições; mas Deus, que conhecia quão necessária lhe era aquela vida preciosa a sua Religião sacrossanta, conservou-lha milagrosamente. Advertiu-o o Santo uma vez; e sentido de não haver perdido a vida por amor de seu Senhor, fazia tais exclamações contra a ineficácia do veneno, que o havia privado da palma do martírio, como pudesse fazer qualquer outro contra seu mesmo homicida. Sua pregação era recomendada por Deus com grande multidão de milagres; os quais, ainda que bastaram para confundir a protérvia da infidelidade, não foram suficientes para abrandar a dureza de alguns cristãos que tratavam cruelmente àquelas gentes miseráveis. A este propósito o Santo pregava de contínuo, exortando os senhores e ministros a que tratassem os índios como irmãos seus e pessoas redimidas com o sangue de Jesus Cristo; a que temperassem o rigor e ferocidade com que os castigavam; e, finalmente, a que pusessem algum termo a sua cobiça. Estas persuasões confirmou-as em certa ocasião com um portentoso milagre que merece referir-se. Comia o Santo em companhia de vários poderosos que oprimiam os índios com injustas contribuições e tributos insuportáveis: ao tempo que estava com eles à mesa, afeou-lhes sua conduta em tom ameaçador e terrível; e querendo confirmar sua pregação com um portento que os aterrasse, tomou em suas mãos o pão que estava sobre a mesa e, espremendo-o, brotou sangue; e ao mesmo tempo lhes disse: «Este sangue é o suor dos pobres; vede e considerai bem de que formais vosso alimento.» Mas os Cristãos, menos sensíveis aos prodígios que os gentios mesmos, não puseram por isso freio nem a sua crueldade nem a sua cobiça, o que foi causa de que o Santo, horrorizado de tanto mal, tratasse de voltar à Espanha. Logo que os índios o chegaram a saber, fizeram grande sentimento; porque o amavam sobremaneira, não menos por suas virtudes que pelos grandes dons com que Deus o havia enriquecido. Viam nele o dom de línguas, porque, pregando em espanhol, era entendido de todos os índios de qualquer tribo ou nação que fossem. Viam-no descobrir os segredos mais ocultos, penetrar as intenções secretas e falar do futuro como se estivesse presente. Viam que à sua voz obedecia toda a natureza, afugentavam-se todas as enfermidades e a morte mesma perdia seus direitos. Mas nada lhes causava tanta admiração nem cativava tão poderosamente seus corações como o desinteresse que nele advertiam. Ficavam atônitos de vê-lo desprezar o ouro e de que não recebia os estipêndios acostumados pela administração dos Sacramentos. Este despego das coisas do mundo e a admirável castidade com que viveu granjeou-lhe dos índios o nome de frade de Deus, que era o modo com que o chamavam e com que explicavam o extraordinário conceito que lhes haviam merecido suas virtudes.

Sete anos esteve o Santo nas Índias, e neles são inumeráveis os gentios que converteu e as almas que tirou de seus caminhos errados. Na volta à Espanha, só com fazer o sinal da cruz sobre as

encrespadas ondas, sossegou uma tempestade em que todos se criam perdidos. Logo que chegou ao porto, encaminhou-se para Valência e, ainda que seus frades o receberam com toda a veneração devida a sua santidade, o humilde Frei Luís quis voltar ao noviciado, parecendo-lhe que quanto havia feito até então era nada e que devia principiar de novo sua carreira. Os religiosos permitiram este desafogo a seu fervor; mas, conhecendo seus grandes merecimentos, fizeram-no prior do convento de Santo Onofre, depois mestre de noviços do de Valência e, finalmente, prior do mesmo convento. Em todos estes empregos portava-se com seus súditos com o amor de um verdadeiro pai e com a integridade de um homem justo. Em seu interior era o último e mais desprezível de todos; mas no exterior fazia com a severidade de seus costumes que todos estivessem sujeitos e respeitassem a lei. Promovia com sumo zelo o amor aos estudos, o exercício da pregação e a assistência ao confessionário. Estes augustos empregos sabia que não se podiam exercer dignamente sem muita oração, sem muita caridade e sem muito retiro. Por esta causa velava com grande cuidado sobre que seus religiosos praticassem todas estas virtudes; e como o exemplo do superior é o mais poderoso incentivo, ele mesmo ia adiante com o exemplo. Assim como os virtuosos encontravam nele um pai amoroso e benéfico, da mesma maneira os tíbios e relaxados achavam um juiz severo e inexorável; mas nos castigos que prescrevia a lei fazia conhecer aos culpados que os amava como a filhos e que sua severidade não tinha outro objeto que suas culpas. Este modo de proceder lhe trouxe grandes dissabores, perseguições e trabalhos da parte de alguns que não podiam sofrer o resplendor de tanta luz nem acomodar seus costumes à retidão que o Santo exigia. Tudo o sofreu com invencível ânimo e grande paciência, e o mesmo Deus lhe deu a entender em algumas visões quanto mais lhe agradava o ver padecer seus servos por seu amor que aquelas virtudes que se criam à sombra do descanso e das doçuras. Os delicados cargos da prelazia traziam-no continuamente inquieto, temendo que entre tantas obrigações não poderia conservar a pureza de sua consciência. Era tal seu temor que algumas vezes costumava dizer a seus religiosos que pedissem a Deus que não o apanhasse a morte enquanto fosse prior, mas depois que se visse livre do cargo de almas.

Este desejo tão justo, que manifesta quanto temia desagradar ao Senhor, concedeu-lho Sua Majestade, exonerando-o de cargos tão terríveis antes de chamá-lo a si. Logo que o Santo se viu livre de tantos cuidados e pressentindo que estava próxima sua morte, começou a dispor-se para ela com maior fervor que o que havia observado toda a sua vida. Multiplicou os jejuns, as asperezas, as vigílias e com singularidade o exercício da oração. Não saiu mais do convento; assistia a todo o coro e, por mínimas que fossem as observâncias de comunidade, era o primeiro a elas, sem que servissem de pretexto para eximir-se de seu cumprimento nem sua ancianidade, nem seus achaques, nem os diferentes cargos que com tanta honra havia obtido. Tanto fervor de espírito não quis Deus que carecesse de recompensa ainda nesta vida. Regalou-o o Senhor com frequentes visões em que lhe apareceram umas vezes São Francisco e São Domingos e outras Jesus Cristo e sua santíssima Mãe. Daqui lhe nasceu aquela conformidade nas penosas enfermidades e terríveis dores que o afligiram no último transe de sua vida; daqui lhe nasceu o consolo de saber que estava em graça de Deus e que Sua Majestade havia determinado levá-lo para si no dia 9 de outubro, dia de São Dionísio Areopagita, como o Santo o assegurou a D. João de Ribera, patriarca de Valência, um ano antes de seu ditoso trânsito. E daqui, finalmente, lhe proveio aquela fortaleza com que repetia aquelas palavras de Santo Agostinho: «Abrasai, Senhor, aqui; cortai aqui; não perdoeis aqui, para que me perdoeis para sempre.» Estava o Santo numa pobre cama, coberto por todas as partes de intensíssimas dores; mas seu rosto alegre como o de um

Anjo manifestava a tranquilidade e gozo de seu coração. Advertindo o Arcebispo as muitas penas que o afligiam, perguntou-lhe se estava contente em meio de tantos males como Deus havia sido servido enviar-lhe. A esta pergunta satisfez São Luís dizendo: «Digo-vos, senhor, com toda a verdade, que não trocaria estas dores que padeço por todos os bens e delícias do mundo; estou confuso de ver como, sendo tão grande pecador, me faz Deus tão grandes favores.» Sem embargo disto, seu espírito agigantado não se contentava com as penalidades de sua enfermidade, mas queria exercitar outras austeras penitências. Indo um religioso a compor-lhe a roupa, advertiu que se havia metido um tijolo entre a túnica e a carne, para impedir desta maneira que seu corpo pudesse ter algum repouso. Afeou-lho com carinho o religioso, representando-lhe que, estando tão enfermo e débil, poderia tirar-lhe a vida; ao que respondeu o Santo: «Oh irmão, aproxima-se já a jornada, e precisa-se muito para ir ao céu!» Com o mesmo espírito de penitência, poucos dias antes de morrer, solicitou que lhe tirassem a camisa e lhe pusessem a túnica de lã, segundo o estilo de sua Ordem. Na véspera de sua morte os religiosos creram que ia já a expirar; começaram a dizer-lhe a recomendação da alma; mas o Santo, abrindo os olhos, disse-lhes: «Vão-se agora, que tempo terão de fazê-lo.» Verificou-se assim; porque no dia seguinte chamou o Arcebispo e lhe disse: «Senhor, já me morro; despedi-vos de mim, dizei-me um Evangelho e lançai-me vossa bênção.» Condescendeu o venerável Arcebispo; disseram-lhe os religiosos a recomendação da alma e, ao tempo de concluí-la, exalou seu puríssimo espírito, indo-se a gozar na eternidade bem-aventurada o prêmio de tantas virtudes. Sucedeu seu ditoso trânsito no referido dia 9 de outubro do ano de 1581, segundo o mesmo Santo o havia profetizado muitas vezes.

Sua morte foi chorada de toda a cidade como morte de Santo. No mesmo dia em que expirou, o beato Nicolau Factor, estando no mesmo convento de Pregadores diante de muitos e muito respeitáveis testemunhas, ficou arrobado e deu testemunho da glória de que já gozava São Luís. Viram-se também celestiais resplendores em sua cela, sobre o convento e em outros diferentes lugares. Várias pessoas devotas testificaram haver ouvido músicas de Anjos, tanto na igreja ao redor de seu corpo como no enterro dos religiosos onde foi sepultado. Toda a cidade de Valência se comoveu e vieram venerar o sagrado cadáver, no qual advertiam um estranho resplendor e suavíssima fragrância, qual convinha à virginal pureza que havia conservado toda a sua vida, apesar das esquisitas diligências com que intentaram empanhá-la mulheres lascivas. Deus confirmou a santidade de seu servo com repetidos milagres: os quais, tendo sido aprovados com a autenticidade acostumada, e examinadas suas virtudes em grau heroico, foi beatificado por Paulo V no ano 1608 e canonizado por Clemente X no de 1671. Seu corpo se venerava incorrupto na suntuosa capela que se lhe edificou no convento de Pregadores de Valência.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Francisco de Borja, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Domine Jesu Christe, veræ humilitatis et exemplar et præmium, quæsumus, ut sicut beatum Franciscum in terreni honoris contemptu imitatorem*

> *tui gloriosum effecisti, ita nos ejusdem imitationis et gloriæ tribuas esse consortes. Qui vivis et regnas...*

Português: Senhor meu Jesus Cristo, exemplar e prêmio da verdadeira humildade, suplicamo-vos que, assim como fizestes o bem-aventurado Francisco glorioso imitador vosso no desprezo das honras da terra, assim também nos concedais que sigamos seus passos em vossa imitação e o acompanhemos em vossa glória. Vós que viveis e reinais, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 45 do Eclesiástico (o impresso remete à página do dia 3 de outubro).

Eclesiástico 45,1-6

> **Latim:** [1] Dilectus Deo et hominibus Moyses, cujus memoria in benedictione est. [2] Similem illum fecit in gloria sanctorum, et magnificavit eum in timore inimicorum, et in verbis suis monstra placavit. [3] Glorificavit illum in conspectu regum, et jussit illi coram populo suo, et ostendit illi gloriam suam. [4] In fide et lenitate ipsius sanctum fecit illum, et elegit eum ex omni carne. [5] Audivit enim eum, et vocem ipsius, et induxit illum in nubem. [6] Et dedit illi coram præcepta, et legem vitæ et disciplinæ, docere Jacob testamentum suum, et judicia sua Israël.

Português: [1] Moisés foi amado de Deus, e dos homens: Cuja memória está em bênção. [2] Fê-lo semelhante aos santos na glória, e engrandeceu-o com o terror que infundia a seus inimigos, e êle com as suas palavras aplacou os monstros. [3] Glorificou-o diante dos reis, e lhe prescreveu ordenações diante do seu povo, e lhe fêz ver a sua glória. [4] Pela sua fé e mansidão o santificou e o escolheu dentre toda a carne. [5] Porque o ouviu a êle, e a sua voz, e o fêz entrar na nuvem. [6] E lhe deu os seus preceitos cara a cara, e a lei da vida e da disciplina para ensinar o seu Testamento a Jacó, e os seus juízos a Israel.

Reflexões

Foi amado de Deus e dos homens. Esta é a sorte e como a herança da verdadeira virtude. Ama Deus os bons e, por estragado, por corrompido que esteja o coração humano, também os homens os estimam. É este um tributo que se paga à virtude, ainda que rebente o amor-próprio e a despeito de todas as paixões que conspiram contra ela. Enquanto se conserve uma só centelha de

razão (a qual nunca se apaga totalmente), queira ou não queira, há de render esta espécie de vassalagem à verdadeira devoção; e se se veem tantos que se desenfreiam contra os homens virtuosos, é precisamente porque não se querem persuadir de que verdadeiramente o são. Quisessem eles ver desterrada do mundo a verdadeira virtude ou, ao menos, que se considerasse impossível sua prática, para libertar-se daqueles remorsos, daquele vergonhoso rubor que lhes causa a que notam ou não podem deixar de admirar em muitos outros com quem vivem. Esforça-se seu mesmo amor-próprio a persuadir-lhes, com artifício sempre maligno, que não é virtude verdadeira a que observam nos demais; e daqui nasce aquele desbocar-se, aquele desencadear-se contra todos os devotos. Tanta verdade é que a incredulidade em matéria de virtude pelo regular não tem outro princípio que o despeito e a dissolução. Quem formar conceito cabal, justo e claro da verdadeira virtude há de sentir-se forçado, por dizê-lo assim, a respeitá-la, a amá-la e a fazer-lhe a justiça que merece. Aproximemo-nos a reconhecer seu verdadeiro retrato. Um homem solidamente virtuoso, um homem que ama perfeitamente a Jesus Cristo, é um homem sem amor-próprio, sem artifício, sem ambição. É um homem em todos os tempos severo consigo mesmo, sem dissimular-se, sem perdoar-se coisa alguma; e em todos suavíssimo, dulcíssimo com os demais, desculpando tudo neles; honrado sem afetação, amigo de comprazer sem baixeza, serviçal sem interesse, exatíssimo em tudo sem escrúpulo, continuamente unido a Deus sem opressão, nunca ocioso, mas nunca acongojado; empregado sempre com sossego, mas nunca distraído nem muito menos dissipado com a multidão dos negócios: conservando sempre seu coração sereno e livre, como ocupado continuamente no grande negócio dos negócios, que é o da própria salvação. Fazendo baixíssimo conceito de si mesmo, reserva toda a sua estimação para os demais, em quem só vê o muito bom que têm e em si só considera o muito mau que o acompanha. Como só se governa por máximas superiores, não crê que o agravam os que o desprezam, porque está persuadido de que os que o honram lhe dão o que não lhe devem. Enfim, é um homem a quem sempre se encontra igual, como quem tem tudo o que quer, porque não quer mais que o que tem. Sempre contente, sempre tranquilo e sempre do mesmo humor, sem que os sucessos prósperos o ensoberbeçam nem os adversos o abalem, sabendo muito bem que uns e outros vêm da mesma mão; e como a única regra de sua conduta é a vontade de Deus, faz sempre o que Deus quer e quer sempre o que Deus faz. Este foi o Santo cuja festa se celebra hoje.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 19 de São Mateus (o impresso remete à página do dia 3 de outubro).

Mateus 19,27-29

> **Latim:** [27] Tunc respondens Petrus, dixit ei : Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te : quid ergo erit nobis ? [28] Jesus autem dixit illis : Amen dico vobis, quod vos, qui secuti estis me, in regeneratione cum sederit Filius hominis in sede majestatis suæ, sedebitis et vos super sedes duodecim, judicantes duodecim tribus Israël. [29] Et omnis qui reliquerit domum, vel fratres, aut sorores,

> aut patrem, aut matrem, aut uxorem, aut filios, aut agros propter nomen meum, centuplum accipiet, et vitam æternam possidebit.

Português: [27] Então respondendo Pedro, lhe disse: Eis-aqui estamos nós que deixámos tudo, e te seguimos: que galardão pois será o nosso? [28] E Jesus lhes disse: Em verdade vos afirmo, que vós, quando no dia da regeneração estiver o Filho do homem sentado no throno da sua gloria, vós, torno a dizer, que me seguistes, tambem estareis sentados sobre doze thrones, e julgareis as doze tribus d'Israel. [29] E todo o que deixar por amor do meu nome a casa, ou os irmãos, ou as irmãas, ou a pai, ou a mãe, ou a mulher, ou os filhos, ou as fazendas, receberá cento por hum, e possuirá a vida eterna.

Meditação

Da verdadeira mortificação

Primeiro ponto

Considera que a mortificação é tão necessária para amar verdadeiramente a Jesus Cristo que é a primeira lição que dá o mesmo Cristo aos que querem ser seus discípulos e, sem ela, não há que pensar em sê-lo. «Se alguém quiser vir após mim, diz o mesmo amável Salvador, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me.» O sinal mais seguro de sólida virtude que dão os Santos é a perfeita mortificação; não só porque não há virtude que possa conservar-se largo tempo sem uma generosa e constante mortificação, mas porque sem mortificação não há verdadeira virtude. Nascemos todos com tanta propensão ao mal; fortificam-se e até se multiplicam nossas paixões com os anos; enganam-nos os sentidos; e sempre de inteligência com aqueles inimigos domésticos, sem cessar nos estão armando laços que o amor-próprio solicita ocultar para que não os descubramos. Vemo-nos precisados a desconfiar de nosso mesmo coração; tudo parece que conspira em nossa perda, tudo nos faz traição. Somente a mortificação da alma e corpo, de potências e sentidos pode enfraquecer as forças de tanto inimigo poderoso. Ela é o antídoto, o preservativo contra o veneno preparado que se bebe sem advertir. É verdade que somente a graça pode desarmar tão poderosos inimigos; mas não é menos verdade que será pouco eficaz a graça enquanto deixemos às paixões, ao amor-próprio e aos sentidos inteira liberdade para apascentar-se e satisfazer-se. É preciso macerar o corpo, mortificar os sentidos, sujeitar as paixões; é mister deixá-las sem forças para pôr-se em defesa. Em estando sujeitos os sentidos, nunca estão livres as paixões. São muito débeis seus assaltos quando não as sustenta o amor-próprio. Em estando bem domada a carne, facilmente se reprime seu alvoroço; especialmente quando o entendimento e o coração não estão de acordo com os movimentos sediciosos. Têm pouca força os auxílios da vigilância e da oração de um homem imortificado.

Segundo ponto

Considera que até os mesmos Santos, ainda com todo o exercício da mais austera mortificação, ainda em meio do maior recolhimento, ainda armados com todos os instrumentos da mais rígida penitência, todavia têm muito que velar, muito que orar, muito que combater para não ser vencidos; pois como se há de conservar por muito tempo inocente um homem imortificado, um homem sensual, um homem escravo de suas paixões e dominado de seus sentidos? Como há de sair vitorioso? Concebe-se a mortificação como uma virtude que só fala com os perfeitos ou, quando muito, como uma virtude de puro conselho que a ninguém obriga. Mas será puro conselho deixar os Cristãos em plena liberdade para ser ou para não ser discípulos de Cristo? Será puro conselho o intimar-nos o Salvador do mundo que o que não se fizer violência não entrará no reino dos céus? Será puro conselho o protestar-nos que o que não levar sua cruz todos os dias nem será digno dele nem poderá ser discípulo seu? Mas se todos estes são oráculos para todos os Cristãos, se esta é a doutrina pura de Jesus Cristo, não serão estes verdadeiros e rigorosos preceitos? Desenganemo-nos: nem a idade, nem a condição, nem o estado, nem os empregos, nem a dignidade nos podem dispensar da lei. E assim como nem o tempo nem o lugar nos livram da inclinação ao mal, como não nos põem a coberto dos laços e dos artifícios do inimigo comum, como não apagam em nós o fogo da concupiscência, assim também ninguém se pode dispensar da obrigação de mortificar-se sem pôr em perigo sua salvação. Os seculares e os religiosos, bem que os religiosos com mais razão que os seculares, todos estão indispensavelmente obrigados a levar sua cruz, a aborrecer-se a si mesmos, a fazer-se violência, a domar seu gênio, a mortificar seus sentidos e a vencer suas paixões. Esta é uma lei geral da Religião que obriga os grandes do mundo e os pequenos, os ricos e os pobres, os leigos e os eclesiásticos, as mulheres que ficaram no século e as que se retiraram aos claustros. Diz-se que nem todos podem jejuar; algum dia examinará Deus esta proposição; e quanto é de temer que se ache falsa! Nem todos podem trazer cilício nem macerar sua carne com disciplinas (poucos haverá que não pensem outra coisa na hora da morte); mas ao menos todos podem e todos devem fazer-se violência para entrar no reino dos céus; todos podem privar-se de muitos gostos, ainda que sejam lícitos; todos podem e todos devem sofrer com paciência as injúrias; todos podem e todos devem perdoar a seus inimigos. Ninguém há que não possa fazer ao cabo do dia cem pequenos sacrifícios; as comodidades, as conveniências pouco necessárias, a delicadeza, o jogo, as diversões, o regalo, tudo isto oferece abundante matéria para eles. Pois quem dirá agora que não se pode mortificar?

Posso-o muito bem, Senhor, ajudado com vossa divina graça. Esta vos peço com tanto maior fervor quanto é grande o desejo que tenho de mortificar-me os dias que me restarem de vida.

Jaculatórias

Eu mesmo me acuso e faço penitência. (Jó 42.)

Sim, meu Deus, desde aqui em diante toda a minha glória a porei em mortificar-me. (Gl 6.)

Propósitos

1. A mortificação é inseparável da vida cristã; busca um só Santo que não sobressaísse nesta virtude. Não digamos já que a mortificação é boa para os Santos; se alguns se houvessem de considerar dispensados de praticá-la, deveriam ser as almas inocentes e puras. Com tudo isso os amigos de Deus são, pelo comum, os mais mortificados; mas quem tem maior necessidade de mortificar-se que os pecadores? Digamos, pois, daqui em diante que a mortificação é a legítima, é o patrimônio de todos os Cristãos e que é a virtude que caracteriza todos os escolhidos de Deus. Procura que daqui em diante seja também a tua. Pratica com espírito de religião todas as que forem de preceito. Nunca te dispenses nem nos jejuns nem nas abstinências da Igreja. Chegou hoje a delicadeza a tal ponto que todos os que têm algum rastro de Religião se devem estremecer. Parece que basta ser pessoa de distinção, de conveniências ou ser sujeito visível para considerar-se desobrigado de jejuar e comer de vigília; esta obrigação se deixa para os religiosos ou para a gente do povo. Não sigas um erro que terá no inferno a muitos; abuso que deve sobressaltar todo ânimo cristão. É certo que aprova Deus alguns motivos de dispensa; é certo que são legítimos alguns; mas não te figures tu os que não o são.

2. Acostuma-te à mortificação interior de tuas paixões, de tuas inclinações, de teu gênio e de teus costumes; nisto ninguém se pode dispensar; mas nem por isso te esqueças da mortificação exterior. São sempre muito convenientes as penitências do corpo: consulta com um prudente confessor as que são mais proporcionadas para ti e não te descuides em praticá-las, advertindo que são remédios e são preservativos.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:53:29 by Admin
Updated 20 November 2026 20:53:29 by Admin